ISSN: 2358-8829

DESARMANDO O PEITO PARA A DIVERSIDADE RELIGIOSA: O ENSINO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA POR MEIO DAS METODOLOGIAS LÚDICAS E JOGO PEDAGÓGICO COMO ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO CULTURAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Camilla Pereira Silva [1]
Ednilton Silva Estendio [2]
Fabiana Farias de Macedo [3]
João Batista Neves de Oliveira [4]
Raquel Guiomar Conrado Guenes [5]
Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza[6]

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço estratégico para a construção de identidades, o reconhecimento da diversidade cultural e o enfrentamento das desigualdades. No contexto brasileiro, a abordagem da história e da cultura afro-brasileira na educação básica representa também um compromisso legal e pedagógico, reforçado pela Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Apesar desse marco legal, conhecimentos relacionados às matrizes africanas e às religiões afro-brasileiras ainda podem ser apresentados de forma fragmentada ou atravessados por estereótipos. O racismo religioso não se limita a divergências de crença: alcança símbolos, práticas, memórias e patrimônios culturais vinculados a comunidades historicamente marginalizadas. Por isso, trabalhar essas temáticas na escola requer práticas que promovam

[1]Mestranda pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), camilla.pereirasilva93@gmail.com;
[2]. Mestrando pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: edniltonsilva79@gmail.com;
[3]Mestranda pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: fabianamacedosociologia@gmail.com;
[4]Mestrando pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: nevesjoao141@gmail.com;
[5]Mestranda pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: raquelguenesravy12@gmail.com;
[6] Professor Doutor em Ciências Sociais, UFCG. E-mail: wallace.gomes@professor.ufcg.edu.br.

ISSN: 2358-8829

conhecimento, diálogo e respeito, sem reproduzir estigmas ou tratar tradições religiosas como objetos exóticos.

Este trabalho apresenta e analisa uma intervenção pedagógica desenvolvida por estudantes do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), com estudantes da 2ª série do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Coronel Serveliano de Farias Castro, em Caraúbas–PB. A experiência teve como eixo o jogo educativo Okan Axé, desenvolvido pelo professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza, articulado a outras estratégias de ensino, como aula dialogada, leitura de cordel, escuta musical, dinâmica: "fato ou fake" e produção de mapas mentais.

O objetivo geral deste estudo é analisar o uso do jogo *Okan Axé* como estratégia pedagógica para valorizar a cultura afro-brasileira e favorecer reflexões sobre identidade, diversidade cultural e racismo religioso no ensino de Sociologia. A justificativa assenta-se na necessidade premente de desenvolver práticas pedagógicas antirracistas que reconheçam as contribuições da população negra para a formação social brasileira e possibilitem aos discentes o questionamento de representações estereotipadas.

A experiência foi examinada a partir de uma abordagem qualitativa, participativa e exploratória, mediante observações dos professores mediadores, anotações em diário de campo e análise das interações discursivas. Os resultados foram organizados em quatro categorias analíticas: mobilização dos conhecimentos prévios; participação e interação; construção de conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira; e reflexão crítica sobre diversidade cultural e racismo religioso. A análise evidencia o potencial formativo das metodologias lúdicas e participativas, identificando, simultaneamente, desafios relativos à gestão do tempo pedagógico e à dinâmica instrumental do jogo.

METODOLOGIA

A intervenção caracterizou-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, participativa e exploratória. Conforme assevera Gil (2008), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema investigado. A perspectiva participativa, por sua vez, valoriza o envolvimento direto dos sujeitos e a mútua articulação entre saberes, vivências e produção do conhecimento (BRANDÃO, 2006). O trabalho desenvolveu-se no contexto do Ensino Médio, no âmbito das atividades formativas do PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Sumé–PB.

ISSN: 2358-8829

Participaram da intervenção pedagógica 23 discentes da 2ª série do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Coronel Serveliano de Farias Castro, sediada em Caraúbas–PB. A proposta formativa totalizou sete horas de duração, organizadas em dois turnos letivos, e teve seu planejamento estruturado na convergência entre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e o aprofundamento da cultura afro-brasileira, contemplando as religiões de matriz tradicional e a mitologia dos Orixás, em estrita consonância com os preceitos da Lei nº 10.639/2003.

Na primeira etapa, realizada no turno matutino, desenvolveu-se uma exposição dialogada sob o tema "Religiões de Matriz Africana: explorando a diversidade e a ancestralidade no candomblé". O debate foi introduzido pela questão disparadora: *"O que vocês entendem por religiões de matriz africana?"*, sucedida por uma tempestade de ideias (*brainstorming*). Em seguida, os estudantes realizaram a leitura compartilhada de estrofes de cordel temáticas sobre os Orixás, complementada por discussões coletivas.

Ainda nessa etapa, utilizou-se a canção "Desarmando o peito", do projeto Música aos Orixás, a fim de fomentar reflexões em torno do racismo religioso e do respeito às diferenças. Após a audição, procedeu-se à análise interpretativa da letra. Posteriormente, aplicou-se a dinâmica "fato ou fake", na qual perguntas previamente elaboradas foram respondidas pelos discentes, com o uso de um cabuletê como instrumento de ordenação da fala. Por fim, dividiu-se a turma em três subgrupos para a elaboração de mapas conceituais e mentais versando sobre: racismo religioso; mito, religião e preconceito; e a presença da cultura afro-brasileira no cotidiano. As produções foram apresentadas em plenária.

A segunda etapa, executada no turno vespertino, foi dedicada à dinâmica do jogo *Okan Axé*. Os 23 alunos foram organizados em três equipes dispostas circularmente. A dinâmica utilizou tabuleiro em espiral, búzios, cartas com questões e marcadores policromáticos. Na concepção do jogo, o centro do tabuleiro, denominado *Orí*, simboliza a consciência, a maturidade reflexiva e o aprendizado coletivo. As equipes respondiam a 30 questões objetivas de múltipla escolha (com três alternativas cada), elaboradas previamente a partir dos conteúdos ministrados na primeira etapa.

Durante a aplicação lúdica, os mediadores esclareceram as regras e adaptaram o sistema de arremesso dos búzios para dar agilidade à partida: em vez da exigência original de abertura simultânea dos quatro búzios, validou-se a abertura de dois. A progressão espacial no tabuleiro graduava-se conforme o nível de complexidade das questões respondidas, correspondendo de uma a cinco casas. Diante de dúvidas conceituais, os mediadores realizavam pausas pedagógicas com intervenções explicativas e reflexões coletivas.

ISSN: 2358-8829

A produção dos dados empíricos ocorreu por meio da observação participante dos mediadores, de notas de campo em diário de bordo e da análise das interações discursivas e produções materiais dos discentes ao longo das atividades. Com vista ao resguardo ético, foram adotados procedimentos rigorosos para a preservação integral do anonimato e da imagem dos participantes. O material empírico foi interpretado por meio de análise temática de conteúdo, organizado em quatro categorias analíticas: a) mobilização dos conhecimentos prévios; b) participação e interação; c) construção de conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira; e d) reflexão crítica sobre diversidade cultural e racismo religioso.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Lei nº 10.639/2003 constitui um marco regulatório estruturante para a educação das relações étnico-raciais ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) e prescrever a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. A legislação prevê o estudo da História da África e dos africanos, das lutas da população negra no Brasil e de suas fundamentais contribuições socioeconômicas e socioculturais para a conformação da sociedade nacional (BRASIL, 2003). A efetivação material dessa normativa exige que tais eixos temáticos sejam integrados de modo orgânico e transversal ao currículo, superando abordagens folclorizantes ou restritas a efemérides.

Souza (2008) enfatiza a urgência de incorporar as africanidades ao cotidiano escolar a fim de subsidiar o debate crítico contra a discriminação racial, conferir valor social à diversidade e fundar relações pautadas no respeito e na alteridade. No campo do ensino de Sociologia, essa perspectiva possibilita aos discentes compreenderem criticamente como preconceitos, assimetrias e hierarquias culturais são historicamente construídos e reproduzidos no tecido social.

A pesquisa participante, conforme conceituada por Brandão (2006), promove a construção epistêmica a partir do envolvimento horizontal entre sujeitos pesquisadores e atores escolares. Nessa direção, a aprendizagem consolida-se como um processo partilhado de produção de sentidos, distanciando-se do mero repasse enciclopédico. Essa orientação epistemológica converge com o pensamento de Freire (1992), ao pontuar que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. No tocante ao universo das religiões de matriz africana, a valorização dos conhecimentos prévios autoriza que preconceitos consolidados pelo senso comum venham a ser desconstruídos e ressignificados dialogicamente.

ISSN: 2358-8829

Nesse cenário de disputas simbólicas, Munanga (2017) adverte que o racismo brasileiro atua predominantemente de modo difuso e naturalizado, mascarando suas práticas e camuflando violências epistêmicas e materiais. Torna-se imperativa, portanto, uma prática pedagógica intencionalmente engajada na desestruturação de narrativas que desqualificam a herança cultural negra. Como complemento, Machado (2026) ressalta que as linguagens lúdicas, consubstanciadas em brinquedos e jogos, configuram dispositivos fundamentais para materializar pedagogias antirracistas transformadoras no ambiente de ensino.

Desse modo, o referencial articula legislação educacional, educação para as relações étnico-raciais, pesquisa participante, valorização dos saberes prévios e ludicidade. Essa articulação sustenta a compreensão do jogo Okan Axé como recurso didático que pode favorecer a aprendizagem sociológica, desde que aplicado com mediação docente, respeito às tradições afro-brasileiras e atenção às condições concretas do contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros de observação e das interações durante a intervenção foi organizada em quatro categorias analíticas. Em conjunto, elas permitem discutir o modo como as estratégias empregadas mobilizaram conhecimentos, promoveram interação e abriram espaço para reflexões sobre cultura afro-brasileira e racismo religioso. Os resultados apresentados correspondem à experiência relatada pelos mediadores e não devem ser interpretados como comprovação generalizável para todos os contextos escolares.

Categorias:

a) Mobilização dos conhecimentos prévios

A sondagem diagnóstica inicial sobre as percepções da turma em relação às religiões de matriz africana atestou a presença de concepções fragmentadas, permeadas por juízos do senso comum e estigmas sócio-históricos. Tal constatação mostrou-se indispensável para direcionar as intervenções pedagógicas posteriores, pois possibilitou situar o ponto de partida cognitivo dos discentes e problematizar pré-noções cristalizadas. Esse movimento dialógico corrobora os pressupostos de Brandão (2006), segundo os quais os saberes experienciais dos sujeitos constituem matéria-prima essencial para a construção do conhecimento reflexivo.

ISSN: 2358-8829

Fotografia 1- Mobilização dos conhecimentos



Fonte: Arquivos pessoais, 2026.

b) Participação e interação entre os estudantes

A cena documentada na **Fotografia 2** espelha a horizontalidade metodológica descrita por Brandão (2006). A presença do mediador, integrado fisicamente à roda de trabalho, não atuou como figura fiscalizadora, mas como suporte de consulta para dirimir dúvidas teóricas e estimular conexões entre a literatura distribuída e as manifestações culturais vivenciadas pelos jovens na Paraíba. O ecossistema metodológico integrando cordel, música, jogo, dinâmica de perguntas e mapas mentais, propiciou elevado grau de mobilização discente. A distribuição em pequenos grupos cooperativos induziu a negociação de sentidos e o debate de ideias. A mediação docente constante evitou a dispersão, exercendo papel regulador no esclarecimento de dúvidas conceituais. Observou-se que a alternância de suportes metodológicos amplifica a receptividade discente perante tópicos cercados de forte resistência sociocultural.

ISSN: 2358-8829

Fotografia 2 - Participação dos estudantes



Fonte: Arquivos Pessoais, 2026.

c) Construção de conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira

A síntese visual ilustrada na **Fotografia 3** demonstra a consolidação dos eixos propostos pela Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003). Os mapas mentais funcionaram como andaimes cognitivos para a segunda etapa pedagógica, garantindo que a vivência no jogo didático não ocorresse de maneira ingênua, mas respaldada por referenciais sólidos. Os registros dos estudantes evidenciaram vínculos nítidos entre a herança afro-brasileira e a vida cotidiana, integrando manifestações linguísticas, gastronomia, dança, folguedos e elementos da religiosidade em oposição ao preconceito racial. Essa articulação expressa a capacidade discente de conectar temas sociológicos a vivências empíricas, reafirmando a atividade lúdica como um vetor de mediação pedagógica que subsidia o exame crítico da realidade.

Fotografia 3 - Apresentação dos Mapas Mentais



Fonte: Arquivos Pessoais, 2026

d) Reflexão crítica sobre diversidade cultural e racismo religioso (Aplicação do Jogo Okan Axé).

Como se constata na **Fotografia 4** a disposição circular da turma em torno do tabuleiro do jogo Okan Axé favoreceu o engajamento coletivo e a cooperação mútua na formulação das respostas. Longe de operar como um mero passatempo competitivo, a mecânica lúdica propiciou a retomada ativa de postulados sociológicos e abriu espaço fértil para o confronto dialógico contra o racismo religioso. Essa mobilização prática converge com o imperativo formativo preconizado por Freire (1992), ao valorizar os saberes prévios dos educandos no processo mediador, e dialoga diretamente com as formulações de Munanga (2017) sobre a necessidade de desnaturalizar os estigmas raciais dissimulados no cotidiano escolar.

ISSN: 2358-8829

Fotografia 4 - Aplicação do Jogo Okan Axé



Fonte: Arquivos Pessoais, 2026.

Durante o Okan Axé, os estudantes demonstraram engajamento e cooperação ao discutir as respostas e mobilizar conhecimentos trabalhados anteriormente. A dinâmica favoreceu situações de retomada de conteúdos e reflexão sobre preconceito religioso e respeito à diversidade. Esses achados são compatíveis com a perspectiva de Freire (1992), ao valorizar a relação entre os saberes dos sujeitos e o processo educativo, e com a discussão de Munanga (2017) sobre a necessidade de reconhecer manifestações naturalizadas do racismo.

A experiência também revelou limites operacionais. A regra inicial dos quatro búzios tornou as jogadas lentas, motivo pelo qual os mediadores adaptaram a dinâmica para dois búzios. Além disso, a extensão do percurso no tabuleiro dificultou a conclusão do jogo no tempo disponível. Essas questões apontam para a necessidade de revisar o tempo de cada rodada, o número de casas do tabuleiro e a articulação entre as etapas preparatórias e o jogo. Tais ajustes não anulam o potencial pedagógico observado, mas indicam que a aplicação de recursos lúdicos exige planejamento flexível e avaliação contínua.

Em síntese, os dados da intervenção apontam que a combinação entre diálogo, linguagens artísticas, sistematização coletiva e jogo pode apoiar o ensino de conteúdos afro-brasileiros e a problematização do racismo religioso. Como a análise se baseia em observações e anotações dos mediadores, futuras aplicações podem ampliar os instrumentos de registro, incluindo produções dos estudantes e devolutivas sistemáticas, para compreender com maior precisão as aprendizagens e as mudanças nas percepções ao longo do processo.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou o emprego do jogo pedagógico *Okan Axé* como estratégia didática voltada à valorização da cultura afro-brasileira e à problematização de temas centrais no ensino de Sociologia, tais como identidade, diversidade cultural e racismo religioso. Desenvolvida junto a 23 estudantes da 2ª série do Ensino Médio, a intervenção articulou aula dialogada, literatura de cordel, escuta musical, dinâmica "fato ou fake", elaboração de mapas mentais e o próprio recurso lúdico, totalizando uma sequência de sete horas dividida em dois turnos.

A sistematização dos registros analíticos em quatro categorias, mobilização de saberes prévios, engajamento e interação, apropriação conceitual da cultura afro-brasileira e reflexão crítica, evidenciou a eficácia das abordagens participativas em ampliar o interesse da turma e favorecer a consolidação dos conteúdos. Observou-se que as produções coletivas conectaram manifestações culturais afro-brasileiras às vivências cotidianas, enquanto a dinâmica do jogo fortaleceu a cooperação mútua e a consolidação ativa dos debates propostos.

Cabe pontuar que os achados refletem os contornos de uma experiência situada, ancorada prioritariamente nas observações e notas de campo dos mediadores. Embora não autorizem generalizações ou conclusões sobre efeitos perenes, tais resultados fornecem indicativos expressivos sobre caminhos viáveis para a práxis pedagógica. Em contrapartida, identificaram-se desafios de ordem operacional, como a gestão do tempo, a extensão do tabuleiro e a necessidade de calibrar as regras, de modo a preservar o dinamismo sem prejuízo da profundidade reflexiva.

Conclui-se que o *Okan Axé*, articulado a um ecossistema didático diversificado e orientado por uma mediação sensível e respeitosa às matrizes tradicionais, consolida-se como um recurso promissor para a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Essa vivência reafirma a urgência de propostas que transcendam o mero repasse informativo sobre a herança negra, dedicando-se a desconstruir estereótipos, validar epistemologias marginalizadas e engajar a escola na promoção da equidade e no combate ao racismo religioso. Investigações futuras poderão aprofundar métricas avaliativas de aprendizagem e refinar o desenho mecânico do jogo a partir da escuta atenta de docentes e discentes.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 19 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

GIL, Antônio Carlos**. Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Priscila de Freitas**. Jogos, brinquedos e brincadeiras como práticas antirracistas na educação infantil**. [S. l.]: Aurum Editora, 2026. p. 113-124. DOI: https://doi.org/10.63330/aurumpub.035-011. Disponível em: https://aurumpublicacoes.com/index.php/editora/article/view/1027. Acesso em: 18 mar. 2026.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos.** São Paulo: Educ, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **"Nosso racismo é um crime perfeito": entrevista.** Fundação Perseu Abramo, 2017. Disponível em: https://fpabramo.org.br/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/. Acesso em: 18 mar. 2026.

OLIVEIRA, Jurema; SOARES, Luís Eustáquio (org.). **Africanidades e brasilidades: ensino, pesquisa e crítica**. 2. ed. rev. e atual. Vitória, ES: EDUFES, 2020.

SOUZA, Marina de Mello e**. África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.